

41º Encontro Anual da Anpocs

SPG 18 – Migrações e produção de fronteiras

SPG 18 – Por um conceito sociológico de fronteira –
Indeterminação e percepção de fronteira na divisa
Brasil – Bolívia

Paolo Targioni¹

¹ Doutorando em sociologia (UFSCar), Professor do IFMT – campus Cáceres

Quando pensamos em fronteira vêm à cabeça uma multidão de conceitos: divisão entre Estados, separação de áreas científicas, divisão entre bairros dentro uma mesma cidade etc. É fundamental que pensemos nesta categoria de análise como algo a ser compreendido e ser pensado além dos conceitos comuns: a fronteira pode ser uma ferramenta de pesquisa para entender o mundo social que nos permita um trabalho de interpretação dele. Obviamente para fazer isto é necessário inicialmente esclarecer o que foi entendido como fronteira ao longo de algumas das pesquisas que enfrentaram este tema. É preciso primeiramente pensar os conceitos com os quais interpretamos o mundo: o cientista social, assim como qualquer outro pesquisador precisa inicialmente compreender que os termos que ele usa para seu trabalho são conceitos criados socialmente, que devem ser de-reificados, para evitar a alerta que nos fazem Berger e Luckmann sobre os perigos da reificação², principalmente em se tratando de análise social.

É fundamental por este motivo discutir, conforme nos lembra Milena Meo (MEO, 2010), os usos que fazemos de termos como fronteira, etnia entre outros, pois *concordamos com Foucault que a linguagem não é apenas o lugar no qual as relações de dominação e de exclusão se cristalizam, mas também o lugar onde elas se negociam, se produzem e são reproduzidas*³. Neste sentido é possível pensar que a noção de fronteira não passa de uma ficção (se pensarmos na própria etimologia da palavra ficção que vem do latim *fingere* que significa basicamente “criar, formar, inventar”) ou seja algo que não existe e que, em algum momento, foi criado, construído, surgiu do nada.

Veremos claramente nas próximas páginas como, em geral, o outro não é visto inicialmente como um diferente, pois é preciso um percurso de criação, de

² “A reificação é a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem coisas, isto é, em termos não humanos ou possivelmente super-humanos. Outra maneira de dizer a mesma coisa é que a reificação é a apreensão da atividade humana como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultado de leis cósmicas ou manifestações de vontade divina. A reificação implica que o homem, é capaz de esquecer sua própria autoria do mundo humano, e, mais, que a dialética entre o homem, o produtor, e seus produtos é perdida de vista pela consciência. O mundo reificado é por definição um mundo desumanizado. É sentido pelo homem como uma facticidade estranha, um *opus alienum* sobre o qual não tem controle, em vez de ser sentido como o *opus proprium* de sua mesma atividade produtora”. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010, pp. 118-119

³ “convenendo con Foucault che il linguaggio non è solo il luogo in cui i rapporti di dominio e di esclusione si cristallizzano ma anche il posto dove si negoziano, si producono e vengono riprodotti” MEO, Milena. *Riflessioni sull’etnicità*. Quaderni di Intercultura Anno II/2010. P. 3 (trad. minha)

invenção, construção, abstração e classificação que transformando o outro em diferente ajude a gerar uma fronteira entre nós e ele.

Simmel o pai da fronteira

O primeiro autor entre os clássicos da sociologia a tratar diretamente a questão da fronteira foi o alemão Georg Simmel. Em um capítulo específico de sua monumental obra *Sociologia* (2018), ele trata do *espaço e (d)os ordenamentos espaciais da sociedade*. Ao discorrer sobre o espaço e, sobretudo, sobre as formas que a vida em sociedade assume nele, Simmel nos mostra a importância que têm as fronteiras no configurar-se e reconfigurar-se destas formas, já que *o espaço se descompõe em pedaços que se apresentam como unidades e – como causa e como efeito disto – estão rodeados por fronteiras*⁴ (SIMMEL, 2018, p. 752). Estes pedaços, estas formas sociais em que se descompõe o espaço como um todo são a parte que deste espaço realmente interessa ao sociólogo, pois é neles que devemos prestar atenção quando queremos entender como se dão algumas interações sociais. No momento em que percebemos as formas no espaço como todas limitadas por fronteiras perenemente negociadas, podemos entender este espaço como um lugar de perene conflito e de continua construção de novas fronteiras.

Fronteira que *constitui uma maneira de “recortar” o espaço por meio da qual se fornece sentido às atividades sociais*⁵ (MANDICH, 1996, p. 9), e disso segue quase naturalmente o sentido que Simmel dá a ela: *a fronteira (...) não é um fato espacial, mas um fato sociológico formado espacialmente*⁶. (IBIDEM, p. 9). Para entender melhor podemos pensar, continua o autor alemão, na fronteira que delimita os grupos sociais assim como uma moldura delimita uma obra de arte: ela limita o espaço que precisamos olhar e ajuda a focar o lugar onde fazem sentido determinadas ações sociais.

⁴ “lo spazio si scompone in pezzi i quali si presentano come unità e – come causa e come l’effetto di ciò – sono contornati da confini” trad. minha

⁵ “La cornice delimita l’opera d’arte rispetto al mondo circostante e la chiude in se stessa; nello stesso modo, in una società la relazione degli elementi che la compongono, l’unità dell’azione reciproca, acquista la sua espressione spaziale nel confine che la incornicia: il confine costituisce un modo di “ritagliare” lo spazio attraverso il quale si dà senso alle attività sociali.” Trad. minha.

⁶ “Il confine, quindi, non è un fatto spaziale, ma un fatto sociologico formato spazialmente.” Trad. minha.

Barth e os Pathans

Apesar de não ser um sociólogo, Fredrik Barth (1928 – 2016), não pode ser deixado de lado quando o assunto é fronteira. O antropólogo norueguês em seu trabalho se dedicou basicamente à reformulação da noção de etnia, temática particularmente em voga na época em que ele completava suas pesquisas.

O autor começou a pensar a noção de etnia, seu conteúdo e as implicações deste a partir da noção compartilhada pela academia naquele momento: uma ideia de identidade étnica como um objeto, portanto algo altamente reificado. Barth em sua obra questiona especialmente esta visão “natural” que faz de cada etnia uma unidade discreta dotada de uma cultura, uma língua e de uma psicologia específica.

interessante para nossa comunicação é analisar um texto de 1956 em que Barth publica os resultados de uma pesquisa efetuada no norte do Paquistão, na região chamada *Swat*, entre as populações *Pathans*, *Kohistanis* e *Gujars*⁷. Nela já podemos perceber alguns direcionamentos sobre aqueles que serão seus estudos e suas ideias futuras, pois o autor, ao analisar a distribuição espacial destas etnias, percebe umas fronteiras e umas divisões não tão rígidas como era de se esperar; pelo contrário há uma superposição e uma permeabilidade interessante nestas fronteiras dependendo das necessidades, das características étnicas e da conveniência das populações analisadas. Além disso, e esta é a questão talvez mais interessante, temos *Pathans* que se tornam *Gujars* (com a aquisição de toda a carga cultural que isso implica) em determinados momentos do ano e em situações bem específicas tornando assim a fronteira entre os territórios dos *Gujar* e dos *Pathans* algo que, sim, pode ser atravessado, mas também algo que serve para produzir socialmente as diferenças culturais que existem entre os dois grupos.

Entendemos com ele, portanto, que um grupo étnico que interage com outros precisa elaborar critérios de autodefinição, que façam com que seus membros se relacionem de determinada maneira com os membros de outros grupos, que se autodefinem de maneira diferente, para assim favorecerem

⁷ BARTH, Fredrik. *Ecologic Relationships of Ethnic Groups in Swat, North Pakistan*. American Anthropologist – Vol. 58, N° 6 (Dec. 1956) pp. 1079-1087.

eventuais trocas, sem ninguém perder a própria identidade. O grupo étnico, ele descobriu nesta pesquisa, se autodefine por meio de estratégias casuais que lhe garantam a continuidade em nível de autorepresentação e, ao mesmo tempo, lhe permitam a interação com os outros.

Há nele uma visão interessante sobre esta questão do estabelecimento de fronteiras que parte do estudo da etnicidade para entender o funcionamento dos vários grupos: ele analisará várias situações, tanto na Ásia como na África e percebe que, em várias destas pesquisas, existe uma mudança de grupo por parte de determinados indivíduos que pertenciam a outra etnia, sem que haja mudança no grupo em si. O autor cita (BARTH, 1998), entre outros, o exemplo da população estancial agrícola *Hoe-Fur* no Sudão que muda e se torna criadora de gado *Baggara* em determinadas circunstâncias muito específicas. Outro exemplo, o dos *Pathans* na Ásia que se tornam *Beluch* é um caso extremamente interessante: há uma diferença étnica a partir do lugar onde estas pessoas moram (*Pathans* no sul e *Beluch* no norte na região do *Kohistan*) pois os costumes diferentes foram os que inicialmente definiram as duas populações. A fronteira que se criou para dividir os diferentes costumes foi a coisa que marcou a separação entre a população do sul da do norte e criou as duas etnias e, portanto os costumes distintos.

O que o autor fez na sua obra foi basicamente colocar em xeque a concepção clássica de grupo étnico, vista até então como uma população que compartilhava valores culturais, uma língua comum e, principalmente, composta de sujeitos que qualquer observador externo pudesse distinguir de outros não pertencentes à mesma etnia. O ponto mais importante desta teoria é que, ao observar o trânsito de indivíduos entre grupos étnicos distintos que podia acontecer em lugares onde vários grupos étnicos viviam (a pesquisa na região *Swat*, por exemplo), Barth inova ao enfrentar a questão do ponto de vista do ator social e

nesta nova perspectiva os grupos étnicos foram considerados em primeiro lugar como categorias de atribuição e identificação por parte dos mesmos atores que manipulam contextualmente práticas e simbologias com o

objetivo de definir a si mesmos e assim estabelecer (ou apagar) uma fronteira em relação aos outros⁸.

Podemos assim refletir junto ao Ugo Fabietti (2004) sobre o fato que na nova definição de grupo étnico proposta por Barth, são as fronteiras que atribuem a determinado grupo a sua identidade, não é o conteúdo cultural que cria uma etnia. Indo mais a fundo, se pensarmos nos componentes de um grupo étnico qualquer, para eles afirmarem a própria identidade é fundamental que estes definam algo que possa distingui-los em relação aos outros, ou seja é preciso algo que os ajude a construir uma fronteira em relação a eventuais outros baseando-se na escolha de alguns traços culturais específicos.

Barth em sua introdução (1998) é extremamente explicito, *a natureza da continuidade dos grupos étnicos é clara: depende da manutenção das fronteiras*⁹, ou seja, são as fronteiras que criam e mantêm os grupos étnicos e não o contrário; as distinções que as sociedades em geral são capazes de criar (desde a simples distinção entre “nós e eles”) são adubadas por meio de uma construção continua de fronteiras. Pensemos nas castas, nos estamentos weberianos, mas também nos nossos mais próximos conceitos de nações ou classes: estas distinções sempre têm como característica uma necessidade de construção de especificidades por meio das quais colocar nossas identidades em contraposição às dos outros.

É neste ponto específico que Barth se coloca claramente em uma nova posição teórica em relação à ideia de fronteira: ele não pensa na fronteira física que, sim, pode existir, muitas vezes existe e, com certeza, faz seu papel de separação física. Ele, em vez desta fronteira física, deste muro de tijolos, desta cerca de arame farpado, pensa nas fronteiras étnicas: *o foco principal de investigação deste ponto de vista se torna assim a fronteira étnica como algo que*

⁸ “In questa nuova prospettiva i gruppi etnici vennero considerati in primo luogo come categorie di ascrizione e identificazione da parte degli stessi attori che manipolano contestualmente pratiche e simboli allo scopo di definire sé stessi e così stabilire (o elidere) un confine nei confronti di altri”. FABIETTI, Ugo. *La costruzione dei confini in antropologia. Pratiche e rappresentazioni*. Texto apresentado no congresso “Confini/Grenzen” - Bolzano (Italia) 23/25 setembro 2004. P181 trad. minha.

⁹ “the nature of continuity of ethnic units is clear: it depends on the maintenance of a boundary.” BARTH, Fredrik. *Op. Cit.* 1998, p. 14. Ed. Kindle. Trad. minha.

*define o grupo e não todas as práticas culturais que esta fronteira cerca*¹⁰. Não são os conteúdos culturais que definem uma fronteira, mesmo que em alguns casos específicos podem ajudar a criá-la: estas fronteiras direcionam a vida social de determinado grupo em contraposição a outro e mesmo que as práticas culturais não sejam tão fortes a tal ponto de determinar as diferenças entre etnias, de qualquer forma elas ajudam na construção de uma específica identidade em relação (muitas vezes em contraposição) a outra. É exatamente esta identidade, construída a partir de uma fronteira, que separa os distintos grupos étnicos e, como já vimos algumas linhas acima, *depende da manutenção de uma fronteira*¹¹. Neste sentido concordamos com Fabietti (2004) quando nos lembra que graças a Barth as noções de fronteira, identidade etc. entraram na dimensão da subjetividade, coletiva ou individual que seja. O paradigma étnico inaugurado pelo antropólogo norueguês nos oferece a possibilidade de prestar maior atenção ao que os sujeitos afirmam sobre a própria identidade e como se relacionam com outros, pois hoje é cada vez mais complexo falar em fronteiras do ponto de vista tradicional, exemplo disso é o fato que também a relação entre etnia e lugar físico é cada vez mais fraca e nebulosa.

Bourdieu, Elias, Bauman, a sociologia sobre a fronteira

Por questões óbvias de espaço não poderemos aprofundar o pensamento de três autores contemporâneos – Bourdieu, Elias e Bauman – sobre a noção de fronteira, porém, é possível apresentar, mesmo que superficialmente suas visões e suas contribuições sobre esta.

Bourdieu e o combate para a criação das regiões

Pierre Bourdieu se interessa às fronteiras físicas que separam populações e que, assim como as fronteiras sociais, são fruto de lutas simbólicas entre os detentores de capital que definem quem deve estar deste lado e quem do outro lado, e onde começa a distinção entre autóctones e estrangeiros.

Há, em Bourdieu, uma menção específica à questão da fronteira física no livro “O poder simbólico” (BOURDIEU, 2007). Mais especificamente no capítulo V

¹⁰ “The critical focus of investigation from this point of view becomes the ethnic boundary that defines the group, not the cultural stuff that it encloses.” Idem, p. 15. Trad. minha.

¹¹ “it depends on the maintenance of a boundary” idem, p. 14. Trad. Minha.

– “A ideia de região” – ele discute a noção de região, no sentido de território geograficamente limitado a ser analisado interdisciplinarmente para assim conseguir aprender o conceito, sua gênese e as representações a ela associadas.

O autor francês nos diz (IBIDEM, 2007) que no momento em que criamos categorias como, por exemplo, região, fronteira, ou também etnia e etnicidade, estamos classificando e que ainda – e nisso o autor francês lembra um pouco o Fredrik Barth visto anteriormente, mas ele, diferente de Barth, pensa a fronteira como algo de mão dupla – estas representações práticas das classificações “podem *contribuir para produzir* aquilo por elas descrito ou designado, quer dizer, a *realidade objetiva*” (IBIDEM, p. 112): ao criar uma classificação, uma separação, eu acabo produzindo, portanto, a realidade desta separação. Seria como se, ao criar uma fronteira, eu criasse a real separação entre, por exemplo, duas etnias. Esta separação, que na realidade não existia antes da minha classificação, é fruto da minha produção de efeitos sociais que é por sua vez derivante da própria necessidade desta classificação. O foco da sua análise, de qualquer forma, é o discurso que cria a fronteira, o discurso que cria novas regiões, novas identidades, e conseqüentemente as relações de poder que existem na tentativa de fazer aceitar este

Elias e o processo civilizador

Para Norbert Elias o processo civilizador moderno é um processo de criação e reforço de fronteiras nacionais; a criação dos Estados-nação é a prova mais patente disso. Se pararmos para pensar, porém, neste processo, além da criação das tradicionais fronteiras nacionais, temos a criação de fronteiras entre “civilizações” (ocidente, oriente) e fronteiras internas (penso nas fronteiras Inter-étnicas, por exemplo). No momento em que percebemos isto, podemos entender como estas fronteiras construídas ao longo do processo civilizador não passam de uma maneira de marcar uma separação entre nós e eles, afinal não podemos pensar numa nação rodeada por umas fronteiras que as separam de outras nações, como um corpus único de cidadãos que se sentem pertencentes a apenas um grupo; pelo contrário, temos também cada vez mais fortes a construção de fronteiras internas (sejam elas étnicas, religiosas etc.) que reforçam a relação estabelecidos/outsideers, como visto em Elias e Scotson

“Trata-se da questão de por que a necessidade de se destacar dos outros homens, e com isso de descobrir neles algo que se possa olhar de cima para baixo, é tão difundida e enraizada que, entre as diversas sociedades existentes na face da Terra, não se encontra praticamente nenhuma que não tenha encontrado um meio tradicional de usar uma ou outra sociedade como sociedade outsider, como uma espécie de bode expiatório de suas próprias faltas” (Elias e Scotson, 2000, pp. 208-209).

Se o processo civilizador, conforme Renato Janine Ribeiro (ELIAS, 1993, pp. 9-10) é entendido “como processo, como verbo que se substantiva, *o civilizar dos costumes*”, e as fronteiras para André Roberto Martin (1994, p.46, apud GOETTERT, 2012, P.3) “aparecem como as moldura dos Estados-nações”, então podemos deduzir que as fronteiras criam uma moldura para um modelo civilizacional criado junto ao Estado-nação no mundo moderno, e são uma parte fundamental para o processo civilizador que Elias nos apresenta. Ainda, já que “o processo civilizador constrói fronteiras. As fronteiras, dialeticamente, civilizam os sujeitos, os grupos, as comunidades e as sociedades, os tempos e os espaços moderno - contemporâneos” (IBIDEM, p. 18), são estas fronteiras, mais uma vez que definem a maneira como alguém deve ou não deve se comportar, quais são os costumes aceitos e quais não.

Bauman e as *gated communities*

O sociólogo polonês em sua obra “Fiducia e paura nella città” (2005) trata da convivência humana nas grandes cidades e nas metrópoles e, analisando as fronteiras internas que as percorrem, oferece-nos uma análise interessante sobre uma relação entre iguais que se percebem como diferentes. Segundo Bauman, a metrópole é o maior laboratório de convivência que os seres humanos criaram: “viver na cidade significa viver junto, junto a estrangeiros”¹² (BAUMANN, 2010, p. 65), este viver juntos leva a conviver com “os outros”, leva a se relacionar com as diferenças, com costumes diferentes que estes outros têm em relação a nós. E

¹² “vivere in città significa vivere insieme, insieme con degli stranieri”, trad. minha.

estas diferenças aparecem a partir do momento em que é “possível reivindicar, por parte de uma coletividade, uma presença originária, atávica, em um território, em relação a outros, vizinhos, ou mais ou menos novos ‘chega(ntes)dos”¹³ (FURRI, 2018, P.13) e se trata de diferenças que acabam nos fazendo perceber também que existem fronteiras, divisões entre nós, a coletividade original, atávica, e os outros, os recém chegados.

Aparentemente nós criamos fronteiras, tentamos dividir o nós do outro, o eu do ele porque percebemos que existem diferenças, que existem pessoas que não são como nós. Contudo, como nos lembra também Bauman, citando um autor com o qual já dialogamos, “Fredrik Barth, o grande antropólogo norueguês contemporâneo, percebeu que – contrariamente à errada opinião comum – as fronteiras não são traçadas para separar diferenças, mas, pelo contrário, é exatamente porque são traçadas fronteiras que de repente surgem as diferenças, que as percebemos e ficamos conscientes delas, aliás, vamos procurando diferenças exatamente para legitimar as fronteiras”¹⁴ (BAUMAN, 2005, p.66): podemos dizer que é por causa da construção das fronteiras e das divisões que percebemos um certo perigo e temos medo de certas coisas e de certas pessoas. Ainda segundo Bauman, “cada fronteira cria suas diferenças, que têm fundamentos e são relevantes”¹⁵ (IBIDEM, p. 66), ou seja, sabemos que as diferenças entre os homens são naturais, elas existem naturalmente: nenhum de nós é exatamente igual a qualquer outro, mas aquilo que nos faz descobrir que existem algumas diferenças que nos disturbam mais, que não podemos suportar, são exatamente as fronteiras que criamos e que nos fazem perceber como mais fortes estas diferenças. A metrópole no caso específico, por causa da extrema proximidade com os outros, com os diferentes, nos faz sentir mais vulneráveis, pois “são mais reduzidos o espaço e a distância, maior é a importância que lhes atribuem as pessoas; mais é desvalorizado o espaço, menos protetiva é a

¹³ “possibile rivendicare da parte di una collettività una presenza originaria, atavica su un territorio a discapito di altri, vicini, o più o meno nuovi ‘arriva(n)ti””, trad. minha.

¹⁴ “Fredrik Barth, il grande antropologo norvegese contemporaneo, ha rilevato che – contrariamente all’erronea opinione comune – i confini non vengono tracciati allo scopo di separare differenze ma, al contrario, è proprio perché vengono tracciati confini che improvvisamente emergono le differenze, che ce ne accorgiamo, e ne diventiamo consapevoli, anzi andiamo in cerca di differenze proprio per legittimare i confini” trad. minha.

¹⁵ Ibidem, p. 66, “ogni confine crea le sue differenze, che sono fondate e rilevanti”, trad. minha.

distância e mais obsessivamente as pessoas traçam e movem fronteiras”¹⁶ (IBIDEM, pp. 65-66).

Balibar e as três características da fronteira

Existe uma pergunta aparentemente simples que perpassa todo o percurso teórico que percorremos até o presente momento: o que é uma fronteira? Segundo Balibar (2001) se trata de uma pergunta de difícil resposta, porque simplesmente não é possível oferecer uma definição abrangente o suficiente que valha para todos os tipos de fronteira, para todas as épocas e para todas as pessoas que a experimentam ou experimentaram. Se pararmos para pensar nas fronteiras de, por exemplo, um estado europeu do século XVIII e nas fronteiras do mesmo Estado na Europa hodierna percebemos claramente que não se trata da mesma coisa. Também sabemos muito bem que cruzar a fronteira entre Itália e Suíça não é a mesma coisa se você possui um passaporte francês ou um passaporte, por exemplo, peruano. De qualquer forma o filósofo francês tenta brincar com a língua e oferece a seguinte definição: podemos dizer que traçar uma fronteira significa delimitar um território, registrar sua identidade e oferecer-lhe-á, mas ao mesmo tempo definir uma identidade (ou um território) em geral significa traçar uma fronteira entre esta identidade (ou este território) e as restantes.

Por meio desta definição criamos um círculo que continua ao infinito, mas isto nos ajuda a entender também outra coisa importante: que as fronteiras só geram divisão no momento em que são criadas e, sobretudo, idealizadas e interiorizadas. Se a isto somamos outra coisa importante que nos diz o autor (2001), ou seja, que a criação de uma fronteira (seja ela racial, nacional, de classe ou de gênero) acaba gerando uma certa configuração do mundo, podemos deduzir facilmente que as fronteiras só passam a existir quando forem idealizadas no momento em que geram uma configuração do mundo e uma noção de homem a serem aceitas como naturais.

¹⁶ “più sono ridotti lo spazio e la distanza, maggiore è l’importanza che attribuisce loro la gente; più è svalutato lo spazio, meno protettiva è la distanza e più ossessivamente la gente traccia e sposta confini”, trad. minha.

Segundo Emanuela Fornari (2011) as noções desenvolvidas por Étienne Balibar são extremamente interessantes para pensarmos as fronteiras, pois a maior contribuição do autor francês para esta temática foi exatamente colocar no centro de sua análise política a ideia de fronteira não tanto como separação/muro, mas pelo contrário como espaço heterogêneo e ubíquo, mais especificamente como algo de dupla mão, pois elas tanto instituem como separam territórios e, mais ainda, nesta duplicidade elas podem se tornar também fronteiras internas (da interioridade).

Neste espaço fronteiro, assim definido, aparecem claras duas características importantes para as quais devemos prestar atenção: se por um lado esta dupla mão ajuda a entender o funcionamento diferencial da fronteira (ela é, por exemplo, um dispositivo de exclusão interna para algumas pessoas) por outro lado não é mais possível identificar as fronteiras conforme um código mais tradicional que seja político, geográfico ou administrativo, visto que elas existem em qualquer lugar onde há seletividade ou controle de segurança.

As fronteiras na atualidade parecem vacilar, desaparecer até, quando na verdade o que acontece é que elas mudaram: se multiplicaram e se dividiram tanto em localização como em função, se estenderam e se duplicaram, se tornaram algo onipresente, que não está mais às fronteiras – aquele lugar material que existe num pedaço de terra onde termina uma soberania e começa outra. Existem inúmeros fatores simultâneos (econômicos, jurídicos, sanitários etc.) que contribuíram para esta mudança e que fizeram com que as fronteiras não sejam mais o que pensávamos que elas eram, mas isso não significa que elas desapareceram, pelo contrário, o mundo atual não é sem fronteiras, parece ser o oposto, elas se multiplicaram.

A internalização das fronteiras é uma passagem complexa que passa através a apropriação pelo cidadão da própria nacionalidade (ou seja, a normalidade nacional que acaba sendo apropriada e interiorizada pelo cidadão da nação). Esta apropriação faz com que as fronteiras que nascem como externas se tornem internas, estando assim em todo lugar e em nenhum lugar.

Para entender as modalidades destas fronteiras internas o autor (2001) evoca três aspectos característicos das fronteiras: sua sobredeterminação, sua polissemia e sua heterogeneidade, vejamos melhor:

- 1) *Sobredeterminação*: toda fronteira é determinada a partir de uma série de fatores, não apenas por um só motivo. Por exemplo, qualquer fronteira política nunca é exatamente a divisão simples entre dois estados, mas é sempre sobredeterminada por outras questões geopolíticas.
- 2) *Polissemia* das fronteiras, ou seja, estas não têm o mesmo sentido para todas as pessoas que as experimentam, tudo depende de que lado são atravessadas, se quem a atravessa é homem de negócios ou um estudante ou um desempregado. Em comum estas fronteiras possuem apenas o nome, mas em geral elas têm a função de oferecer a pessoas diferentes, diferentes experiências e de diferenciar uma pessoa da outra (estamos falando em diferença de classe, mas também de origem nacional).
- 3) Último ponto é a *heterogeneidade* e a *ubiquidade* das fronteiras: *Algumas fronteiras não estão absolutamente situadas nas fronteiras (...), mas estão em outros lugares, em qualquer lugar no qual se exerçam controles seletivos*¹⁷ (BALIBAR, 2001, p 211) tanto sanitários, por exemplo, ou de segurança. Se a fronteira foi definida como algo simples, esta simplicidade foi forçada pela necessidade de criá-la como instituição estadual, mas devemos pensá-la como uma instituição extremamente antidemocrática, pois limita, exclui, é usada para expulsar etc.

Podemos neste momento pensar que seria uma boa ideia corrigir uma visão da fronteira que parece natural, mas que é falsa (ou pelo menos simplista demais): a ideia que a fronteira é um limite entre dois territórios independentes. Devemos pensar que as fronteiras são supradeterminadas e que, por serem fronteiras (além de entre estados) entre culturas e identidades, servem para dividir o mundo, configurando-lhe e oferecendo uma distribuição espacial. As fronteiras precisam ser interiorizadas e para isso devem ser idealizadas (assim se pode morrer para defendê-las por exemplo) e não poderiam ser idealizadas se não fossem pensadas como a coisa que define a concepção do mundo (e do homem) que temos.

¹⁷ “alcune frontiere non sono assolutamente più situate alle frontiere, (...) ma sono altrove, dovunque si esercitino dei controlli selettivi” trad minha.

Mezzadra, a fronteira como método

Vimos desde Simmel como as fronteiras são fatos sociológicos que ao mesmo tempo influenciam os sujeitos e são o resultado de interações sociais. Por muito tempo, fora as exceções do próprio Simmel e de outros poucos autores, a fronteira não foi interesse das disciplinas sociológicas (basicamente foi a geografia que se ocupava deste tema) e quando havia algum interesse era apenas em relação às fronteiras físicas interestatais ou inter-regionais. Apenas no final do século passado tivemos um aumento do interesse da sociologia em relação não apenas às fronteiras físicas, mas também a outros tipos de fronteiras que podem surgir nas interações. É por este motivo que *as fronteiras territoriais – em primeiro lugar as dos Estados – merecem ser estudadas especialmente naquela que é sua relação com as fronteiras sobre-territoriais, ou seja as fronteiras identitárias, simbólicas e mentais*¹⁸ (CUTITTA, 2014, p. 165) para assim poder complementar, e não substituir, o estudo das fronteiras físicas¹⁹.

Em linhas gerais se pensa a fronteira como algo relacionado exclusivamente aos Estados: pensou-se por muito tempo que ela pudesse desaparecer como consequência da globalização, pensou-se também que pudesse se fortalecer se opondo ao fluxo das novas migrações e dos refúgios, mas todas estas ideias compartilhavam a ideia da função dos Estados como fundamental para entender a fronteira. Como já notamos em Balibar o desafio em realidade é agora outro: precisamos tentar entender as fronteiras de um novo ponto de vista epistemológico, é fundamental entender que nós mesmos podemos ser fronteiras, que a fronteira não pode e nem deve mais ser estudada como um lugar físico, mas que precisa

se tornar o *método* com o qual interpretar a realidade, o ponto de partida privilegiado para uma reflexão sobre a complexa e multiforme rede de dispositivos de inclusão e

¹⁸ “i confini territoriali – in primo luogo quelli degli stati – meritano di essere studiati particolarmente in quella che è la loro relazione con i confini sovraterritoriali, cioè i confini identitari, simbolici e mentali” trad. minha.

¹⁹ Um trabalho interessante nesta direção é o de Gloria Anzaldúa que com seu “Borderland/la frontera” conseguiu ser uma das pioneiras nesta direção dos *border studies*.

exclusão que caracterizam – seja em nível local que em nível global – as dinâmicas políticas e sociais dos nossos tempos²⁰ (IBIDEM, pp. 165-6)

Uma nova epistemologia que surge no momento em que os *border studies* percebem que é preciso superar a velha noção geopolítica de fronteira, não a descartando, mas a englobando, para que se possa entender que as categorias usadas até o presente momento de inclusão/exclusão, dentro/fora, pertencimento/exclusão, não são mais suficientes para distinguir o que está dentro e o que está fora.

Border as method

E é exatamente isto o que Sandro Mezzadra e Brett Neilson fazem em sua obra *Border as Method*, oferecendo uma contribuição muito importante para a discussão sobre as fronteiras, já que como esclareceremos ao longo do nosso texto,

da complexa instituição social da fronteira os dois autores pretendem evidenciar, primeiramente a dúplici função ao mesmo tempo inclusive a exclusiva (...) se afastando de leituras unicamente negativas da fronteira, que tendem a sublinhar apenas o poder de impedir a entrada, de excluir, de segregar e aquele diametralmente oposto de acolher, incluir e compreender²¹ (IBIDEM, p. 166)

A obra pode ser lida como uma contribuição para o debate sobre o aprofundamento da “política do comum” (MEZZADRA e NEILSEN, 2014) que nos

²⁰ “può diventare il *metodo* con il quale interpretare la realtà, il punto di partenza privilegiato per una riflessione sulla complessa e multiforme rete di dispositivi di inclusione ed esclusione che caratterizzano – sia a livello locale, sia a livello globale – le dinamiche politiche e sociali dei nostri tempi” trad. minha.

²¹ “Della complessa istituzione sociale del confine i due autori tengono a evidenziare, innanzitutto, la duplice funzione al tempo stesso esclusiva e inclusiva (...) prendendo le distanze da letture unicamente negative del confine, tendenti a sottolineare soltanto il potere di impedire l’accesso, di escludere, di segregare e quello diametralmente contrapposto di accogliere, includere, comprendere.” Trad. minha.

ajude a entender que a parede, o muro, é um falso símbolo da fronteira, pois o muro simboliza divisão, enquanto a fronteira não é isto: a ideia fundamental dos dois autores é que a fronteira não separa a passagem de pessoas, capitais, objetos etc. pelo contrário, elas serve para articular estas passagens de uma maneira diferencial.

O fato que a função produtiva da fronteira seja bem mais articulada e complexa de quanto a dicotomia dentro/fora possa sugerir é exemplarmente ilustrado pelas políticas de gerenciamento das migrações (...) o conceito de inclusão diferencial serve para entender, exatamente o amplo e variado espaço intermediários entre os dois extremos do dentro e do fora²² (CUTITTA, 2014, p 166)

Pensar a fronteira como não apenas como um objeto de pesquisa, mas como um ponto de vista epistémico (um *border as method*), portanto, nos ajuda a evidenciar as tensões que deixam ténue a linha entre inclusão e exclusão.

Além disso o operar da fronteira é importante não apenas para as pessoas, mas também para os Estados, o capital, as mercadorias etc. O próprio Mezzadra explica isto ao tentar responder: *o que é uma economia e, ainda antes, onde fica uma economia?*²³ (MEZZADRA, 2015, p. 16). O autor parte desta pergunta para entender a relação que o capital mantém com as fronteiras hoje.

Toda economia – cada ‘retículo de processos produtivos mais ou menos estritamente independentes’ – se desenvolve dentro determinadas ‘fronteiras espaço-temporais’, diz Wallerstein: a historicidade de um sistema econômico, sua origem, seu crescimento, suas transformações correspondem a uma específica (mesmo

²² “Il fatto che la funzione produttiva del confine sia ben più articolata e complessa di quanto la dicotomia dentro/fuori possa suggerire è esemplarmente illustrato dalle politiche di gestione delle migrazioni (...) Il concetto di inclusione differenziale serve a comprendere, appunto, l’ampio e variegato spazio intermedio tra i due estremi del dentro e del fuori.” Trad. minha.

²³ “Che cos’è un’economia e, ancor prima, *dov’è* un’economia?” trad. minha.

que mutável) colocação no espaço, circunscrita por um conjunto de 'limites'²⁴ (IBIDEM, p.16).

Precisariamos entender a este ponto como as fronteiras do capital se ligam a outras fronteiras (políticas ou culturais por exemplo) e a solução que nos oferece Mezzadra é particularmente interessante, pois segundo ele há uma relação forte entre espaço do capital e espaço político: citando Marx, ele nos introduz uma noção esclarecedora,

compensa retomar neste sentido uma breve citação extraída dos *Grundrisse*: 'a tendência a criar o mercado mundial, escreve aqui Marx, 'é dada de imediato por meio do conceito de capital. Todo limite (*Grenze*) se apresenta aqui como um obstáculo (*Schranke*) a ser superado'²⁵ (IBIDEM, p. 16)

ou seja, o capital existe como tendência e esta tendência desestabiliza qualquer fronteira ou limite existente.

A partir deste ponto de vista a ideia de Mezzadra deve ser entendida como uma contribuição à análise dos processos globais que sirva para contestar a ideia que com o crescimento da globalização deixassem de existir as fronteiras; ao mesmo tempo, porém, não podemos esquecer que o Estado Nação se reorganizou perante a globalização e acabou reforçando suas fronteiras, mas estas, de qualquer maneira, não podem ser consideradas as mesmas de antigamente. Além disso há uma modificação na subjetividade política: esta nasceu junto ao conceito de Estado Nação (pensemos no conceito de cidadania e na sua relação estreita com o trabalho por exemplo) e hoje há cada vez mais fronteiras que rodeiam os cidadãos e os trabalhadores, e muitas delas fronteiras

²⁴ "Ogni economia – ogni 'reticolo di processi produttivi più o meno strettamente interdipendenti' – si sviluppa all'interno di determinati 'confini spazio-temporali', aggiunge Wallerstein: la storicità di un sistema economico, la sua origine, la sua crescita, le sue trasformazioni corrispondono cioè a una specifica (ancorché mutevole) collocazione all'interno dello spazio, circoscritta da un insieme di 'limiti'" trad. minha.

²⁵ "Conviene riprendere in questo senso una breve citazione tratta dai *Grundrisse*: "la tendenza a creare il *mercato mondiale*", scrive qui Marx, 'è data immediatamente con il concetto stesso di capitale. Ogni limite (*Grenze*) si presenta qui come un ostacolo (*Schranke*) da superare'" trad. minha.

ficam longe das fronteiras tradicionais. Por este motivo é preciso pensar outras linhas de demarcação social, cultural, política e econômica que possam servir para entender estas reconfigurações.

Como os dois autores, Mezzadra e Neilsen (2014), fazem isto em sua obra? Tomando como faísca a greve dos táxis de New York de 2004 eles começam explicando como existem tanto fronteiras linguísticas e étnicas entre os vários trabalhadores grevistas, como ao mesmo tempo fronteiras urbanas que os táxis cruzam diariamente e também que existem fronteiras sociais que dividem estes mesmos taxistas de seus clientes. Esta greve é vista por eles como uma crônica da proliferação das fronteiras no mundo contemporâneo, um mundo novo no qual as fronteiras nacionais não são mais as únicas, ou as mais importantes, para dividir ou limitar a mobilidade, por exemplo, do trabalho. Isto tudo apesar do Estado Nação ser uma instituição que ainda inibe fortemente a mobilidade dos trabalhadores, pois existem outros fatores e outras dinâmicas que perpassam estes limites nacionais. *Neste sentido (...) propusemos a formula “fronteiras do capital” para colher esta essencial tendência expansiva que caracteriza a ação do capital do ponto de vista da produção do espaço*²⁶ (IBIDEM, p.17). Uma das teses principais que pretendem sustentar com isto é que as fronteiras servem não para bloquear, mas para articular os fluxos globais; além disso é preciso pensar também na heterogeneização das fronteiras, pois hoje as fronteiras não são mais apenas linhas, são instituições sociais complexas marcadas por práticas de reforço e de atravessamento.

Mas e se quiséssemos tentar o que Balibar nos disse que seria impossível e tentássemos definir o que é uma fronteira? Os autores (2014) deixam clara a sua dívida com o filósofo francês em relação a suas ideias de fronteiras polissêmicas, heterogêneas e surdeterminadas e citando a Anzaldúa – *ódio raiva e exploração (...) são as características prevalentes desta paisagem*²⁷ (ANZALDUA, 2000, em MEZZADRA & NEILSEN, 2014, p. 22) – nos lembram que

²⁶ “In questo senso (...) abbiamo proposto la formula “frontiere del capitale” per cogliere questa essenziale tendenza espansiva che caratterizza l’azione del capitale dal punto di vista della produzione di spazio “ trad. minha.

²⁷ “ódio, raiva e sfruttamento (...) sono le caratteristiche prevalenti di questo paesaggio” trad. minha.

esta é a imagem que em linha geral associamos às fronteiras: umas linhas fechadas por um muro que existem apenas para excluir.

Segundo eles, porém, esta visão deixa a desejar, porque pode levar a entender que a fronteira se reduz apenas a isso e com esta noção corremos o risco de isolar uma única função da fronteira e chegar a pensar que seja a única possível, deixando de lado toda a flexibilidade que ela tem. Eles sustentam que as fronteiras não só excluem, mas ao mesmo tempo também incluem, filtrando pessoas e bens tão violentamente como os excluem. Sua visão deste ponto é que, ao contrário daquele que é o pensamento comum, ou seja, que a inclusão é sempre positiva, em realidade podemos perceber que existem problemas relacionados com a violência também nas inclusões, no sentido que estas se desenvolvem em continuidade com as exclusões, e não em oposição a elas:

em outras palavras nos focamos na capacidade de hierarquização e estratificação das fronteiras, examinando sua articulação em relação ao capital e ao poder político, seja que coincidam com os limites territoriais dos Estados, seja que existam dentro e além deles²⁸ (MEZZADRA & NEILSEN, 2014, p.22).

Para entender isso necessitamos de uma linguagem mais complexa e dinâmica em comparação àquela que lembra muros e exclusões: partindo da fronteira como método os autores repensam várias temáticas como trabalho, espaço, tempo, poder, cidadania etc. e explicam que ao tomar o conjunto destas mudanças é possível entender melhor as transformações, inclusive, da sociedade contemporânea. pois a multiplicação de barreiras e fronteiras no mundo contemporâneo pode ser lida como um sinal da crise do poder Estatal, mais que sua reafirmação de força.

²⁸ “in altre parole, ci concentriamo sulla capacità di gerarchizzazione e stratificazione dei confini, esaminando la loro articolazione rispetto al capitale e al potere politico, sia che coincidano con i limiti territoriali degli Stati, sia che esistano dentro o oltre a essi” trad. minha.

A peculiaridade da nossa abordagem está na tentativa de separar a fronteira do muro, mostrando como as funções regulativas e o poder simbólico da fronteira submetam à prova a barreira entre soberania e formas mais flexíveis de *governance* global, fornecendo um prisma por meio do qual seguir as transformações do capital e as lutas que surgem dentro e contra estas²⁹. (IBIDEM, p. 23)

E os autores explicitam isso por meio da imagem do muro que existe entre Israel e a Palestina mostrando como ele *funciona como 'uma membrana que deixa passar alguns fluxos e bloqueia outros', transformando o território palestino em uma 'zona de fronteira'*³⁰ (IBIDEM, p. 24).

Uma nova maneira de entender as fronteiras

É fundamental fazer emergir contradições e problemas dos estudos fronteiriços que permitam a elaboração de uma nova abordagem teórica à fronteira. Não devemos, portanto, repetir o mantra de muros e da segurança e, também, não podemos repetir o paradigma clássico que compara casos isolados e independentes assumindo como claras as diferenças entre as situações analisadas. O que os autores fazem, sua proposta de trabalho, consiste em analisar a forma como se manifesta a relação entre os dois polos fechamento e abertura, mostrando como às vezes esta relação se apresenta como uma verdadeira luta de fronteira. Eles sabem que existem diferenças radicais entre, por exemplo, as fronteiras da União Europeia e aquelas das regiões comerciais na China, mas o que não lhe interessa é a mera comparação de casos de fronteiras.

Mezzadra e Neilson pretendem entender as práticas que acontecem nas fronteiras (como estas se sobrepõem, entrelaçam etc.), suas singularidades e

²⁹ “la peculiarità del nostro approccio risiede nel tentativo di separare il confine dal muro, mostrando come le funzioni regolative e il potere simbolico del confine mettano alla prova la barriera tra sovranità e forme maggiormente flessibili di governance globale, fornendo un prisma attraverso cui seguire le trasformazioni del capitale e le lotte che montano dentro e contro di esse” trad. minha.

³⁰ “funziona come ‘una membrana che lascia passare alcuni flussi e ne blocca altri’, trasformando l’intero territorio palestinese in una ‘zona di frontiera’” trad. minha.

traços em comum, buscando uma outra maneira de produção do conhecimento que necessita de traduções conceituais. Assumir a fronteira como método significa, portanto, tentar render produtiva a relação entre conceitos e alguma específica situação concreta, seja de um ponto de vista teórico, quanto para o fim da compreensão de diversas passagens de fronteira.

Nosso foco sobre as conexões e as desconexões, conceituais e materiais, deve, portanto, muito ao acurado trabalho dos etnógrafos, mas tenta dar um passo além em relação aos mais complexos estudos ‘multi-situados’, que permanecem ligados à ética da ‘feitibilidade’ e ao imperativo de ‘estar lá’, ou seja aos marcos de garantia da prática etnográfica³¹ (IBIDEM, p.26)

É preciso pensar nos fatores indiretos e não abertamente claros e presentes no momento da etnografia, pois além da presença em loco para entender o que está havendo nas relações sociais diretas é necessário também tentar perceber o trabalho dos *“abstratos agentes terceiros” como os cálculos logísticos, as ordens legais as forças econômicas ou as narrativas humanas*³² (IBIDEM, p.26).

Fundamental, em tudo isto, é construir as próprias observações e consequentes análises a partir dos entrelaçamentos entre observação etnográfica e análise política, pois como eles dizem

desta maneira buscamos ir além dos atuais debates ao redor das fronteiras, às migrações e ao trabalho, para enriquecer a literatura sobre o poder global e sobre a *governance*, sobre as mutações do capital e sobre a

³¹ “la nostra focalizzazione sulle connessioni e sulle sconessioni, concettuali e materiali, deve dunque molto all’accurato lavoro degli etnografi, ma cerca di fare un passo in avanti anche rispetto ai più complessi studi ‘multi-situati’, che rimangono legati all’etica della ‘fattibilità’ e all’imperativo dell’essere là’, ovvero ai marchi di garanzia della pratica etnografica” trad. minha.

³² “‘astratti agenti terzi’ quali i calcoli logistici, gli ordini legali, le forze economiche o le narrazioni umanitarie” trad. minha.

soberania, além de suas implicações para sujeitos e lutas através diversas configurações de espaço e de tempo³³ (IBIDEM, p. 28)

pois escrever sobre lutas de fronteiras é, sempre segundo eles, chamar a atenção sobre a produção de subjetividade política, produção esta que é fundamental entender para esclarecer como, hoje, a fronteira é cada vez mais um *borderscape* uma paisagem de fronteira, um lugar dinâmico, não mais um lugar físico mas um conjunto de práticas que se difundem e que precisam ser entendidas, pois como já vimos

a ação social das fronteiras, em realidade, produz sempre específicas subjetividades; tais subjetividades, por sua vez, contribuem a remodelar essas mesmas fronteiras, e isto acontece muitas vezes em maneira conflitual. Os conflitos são sempre, em sua essência, sinais de fronteiras, alertas da diferença e, mais especificamente, dificuldades de ultrapassar o impacto produzido pelo cruzamento das diferenças – sejam elas expressas em forma territorial ou supra-territorial³⁴ (CUTITTA, 2014, p.167).

³³ “in questo modo, cerchiamo di andare oltre gli attuali dibattiti intorno ai confini, alle migrazioni e al lavoro, per arricchire la letteratura sul potere globale e sulla *governance*, sulle mutazioni del capitale e sulla sovranità, nonché sulle loro implicazioni per soggetti e lotte attraverso diverse configurazioni di spazio e tempo” trad. minha.

³⁴ “L’azione sociale dei confini, in effetti, produce sempre specifiche soggettività; tali soggettività, a loro volta, contribuiscono a rimodellare quegli stessi confini, e ciò avviene spesso in via conflittuale. I conflitti sono sempre, in quanto tali, segnali di confine, spie della differenza e, più precisamente, della difficoltà di superare l’impatto prodotto dall’incrocio tra differenze – siano esse espresse in forma territoriale o sovraterritoriale.” Trad. minha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDUA, Gloria. **Borderlands / La Frontera. The new mestiza**. San Francisco (CA): Aunt Lute Books, 2012.

ADELMAN, Miriam. **Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas**. Sociologias, Porto Alegre, n. 21, p. 184-217, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2018.

AGIER, Michel. **NOVA COSMÓPOLIS: as fronteiras como objeto de conflito no mundo contemporâneo**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 31, n. 91, e319103, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092016000200503&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 maio 2018. Epub 04-Jul-2016.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAGNASCO, Angelo. **Introduzione all'edizione italiana**. Em HANNERZ, Ulf. **Esplorare la città. Antropologia della vita urbana**. Bolonha: il Mulino, 1992.

BALIBAR, Étienne. **La paura delle masse**. Milão: ETEROTOPIA, 2001

BARTH, Fredrik. **Ecologic Relationships of Ethnic Groups in Swat, North Pakistan**. American Anthropologist – Vol. 58, Nº 6 (Dec. 1956) pp. 1079-1087.

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference**. Long Grove, Illinois: Waveland Press Inc., 1998. Edição do Kindle.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Fiducia e paura nella città**. Milão Mondadori, 2005.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Le regole dell'arte**. Genesi e struttura del campo letterario. Milão: Il Saggiatore, 2005.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 2007ii.

_____. **O senso prático**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

_____. **Sul concetto di campo in sociologia**. Roma: Armando editore, 2010.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, Zouk, 2015.

_____. **O campo político**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 5, p. 193-216, July 2011. URL: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso>. consultado em 11/05/2018.

CUTITTA, Paolo. **Segnali di confine. Il controllo dell'immigrazione nel mondo frontiera.** Milão: Mimesis, 2007.

_____. **Il confine come metodo.** Rivista di Storia delle Idee 3:2 (2014) pp. 165-168 ISSN.2281-1532 <http://www.intrasformazione.com> DOI 10.4474/DPS/03/02/LBR135/04

DU BOIS, W.E.B. **Sulla linea del colore. Razza e democrazia negli stati uniti e nel mondo.** Bolonha: Il Mulino, 2010.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Escritos e ensaios; 1.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008

_____. **O processo civilizador.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FABIETTI, Ugo. **La costruzione dei confini in antropologia. Pratiche e rappresentazioni.** Texto apresentado no congresso "Confini/Grenzen" - Bolzano (Italia) 23/25 setembro 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FISK, Susan et Alii. **A Model of (Often Mixed) Stereotype Content: Competence and Warmth Respectively Follow From Perceived Status and Competition.** Journal of Personality and Social Psychology Vol. 82, No. 6, 878–902, 2002. URL: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12051578>> acesso em 06/09/2018.

FLUSTY, Steven. **Building Paranoia: the Proliferation of Interdictory Space and the Erosion of Spatial Justice.** West Hollywood: Los Angeles Forum for Architecture and Urban Design, 1994

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FURRI, Filippo. **La città-rifugio: una declinazione dell'accoglienza tra solidarietà e autonomia.** REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 52, p. 11-36, abr. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852018000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jun. 2018.

GOETTERT, Jones Dari; SOUZA, Adauto Oliveira; ABREU, Silvana de. **Processo Civilizador e Fronteiras: fronteiras para civilizar ou civilizar as fronteiras?** In: XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores, 2012, Dourados MS. Anais XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores. Dourados MS: EdUFGD, 2012. v. 1. p. 1-21. Consultado em 17/06/2018 URL: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Jones_Goettert_e_Aduto_e_Silvana.pdf

HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Josh. **The handbook of international migrations. The American experience.** New York: Russel Sage, 1999.

- MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações**. São Paulo: contexto, 1994.
- MÉLO, J. L. B. **Fronteiras: da linha imaginária ao campo de conflitos**. Sociologias, n. 11, p. 126–146, jun. 2004.
- MEO, Milena. **Riflessioni sull’etnicità**. Quaderni di Intercultura Anno II/2010
- MEZZADRA, Sandro. **Terra e confini. Metamorfosi di um solco**. Castel San Pietro Romano (RN): Manifestolibri, 2016.
- MEZZADRA, Sandro & NEILSON, Brett. **Confini e frontiere. La moltiplicazione del lavoro nel mondo globale**. Bolonha: Il Mulino, 2014.
- MOHANTY, Chandra Talpade. **Femminismo senza frontiere**. Verona: Ombre Corte, 2012.
- OLIVEIRA COSTA, André. **Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar**. *Configurações* [Online], 19 | 2017, consultado em 26/05/2018. URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/3947>
- POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. Em: POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: EducS, 2003.
- SCIORTINO, Giuseppe. **Rebus immigrazione**. Bolonha: Il Mulino, 2017.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, Aug. 2002. URL: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso>. Consultado em 12/05/2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Milão, Meltemi, 2018.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Critica della ragione postcoloniale**. Roma: Meltemi, 2004.
- VINHA, Marina. **O conceito de configuração e poder em Norbert Elias**. Revista Conexões V. 0, Nº 5, 2000. Consultado em 17/06/2018 URL: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638149/5825>
- WAIZBORT, Leopoldo (org.) **Dossiê Norbert Elias / Federico Neiburg... (et al.)** São Paulo, EDUSP, 2001.